

*DE MÃOS ABERTAS
DE PUNHO ERGUIDO*



escritos da rosa dos ventos

*Carlos
Rodrigues
Brandão*

*Sobre estes escritos
de mãos abertas e de punho erguido*

*Estes poemas foram publicados antes em dois livros: **Diário de Campo** e **O Vento de Agosto no Pé de Agosto**. Um ou outro podem haver sido publicados em outros livros meus o em revistas.*

*Uma primeira parte: **de mãos aberta** contém poemas sobre a vida do povo e o trabalho de homens e de mulheres do campo. A segunda parte; **de punho erguido**, fala das lutas do povo e de alguns de seus mortos.*

*Este apanhado de poemas é dedicado ao povo da **Cidade Estrutural**, nas beiras pobres de Brasília e a gente que luta para que num canto do Cerrado um **Santuário dos Pagés**, não desapareça tragada pela voragem do capital e dos condomínios.*

Brasília, 2 de dezembro de 2002

DE MÃOS ABERTAS

beiras do Rio Vermelho

Um bando de pombas-rolas e anus-brancos assustados
voou de uma margem à outra do rio Vermelho
na curva onde depois de passear pela cidade
o rio volteia uma última vez antes de sair.

Fugindo do tremor de meus passos na terra
as aves deixaram por alguns momentos
a sombra onde se cobrem às onze horas da manhã
e outra vez colocaram o poço da curva do rio
entre o domínio da natureza e o da cultura.

Do outro lado havia um bando de bois e burros
em estado de graça, mastigando um verdor
de pastos de dezembro em ano “bom de água”.

Do lado de cá um longe de meninos pretos pescava
Entre ocos do rio que os pais de seus avós
cavaram com aços e punhos sobre pedras de sol.

Havia velhas lavadeiras de beira de poço que o turista
procura prender em fotos de domingo.

Mulheres magras que na cabeça equilibram sem pressa
“malas” de roupas, trouxas e “amarríós”
dos “serviços” antigos dos pobres do lugar.

Vinham em filas de silêncio pelo fio das trilhas
que o passar do tempo rabisca no espaço
entre as últimas ruas e as praias do rio.

Elas passam pelo pasto onde o sol de Goiás
e as flores do cerrado abrem todo o ouro
que sobrou há cem anos, desde quando se conta
que um bando de paulistas iludiu com artimanhas
os filhos dos sábios dos índios do lugar.

Onde houve outrora senhores e escravos
as lavadeiras de “cocra” na beira do rio
lavam e quaram séculos de roupa suja.

A nudez dos meninos das eiras de fome da cidade
atesta a todos que afinal se habita um tempo de paz
de uma gente esquecida de “bandeiras” e “senhores”
que recria na praia, com gestos de terça-feira,
uma história antiga que houve muitas vezes
antes de tudo aquilo acontecer.

viver do ouro, viver de sobras

Faz um rosário de anos e mais anos
desde quando o ouro das areias que escorriam
entre as águas quentes desses regatos acabou.
Como a mesma areia entre os dedos do menino
findou de uma vez o ouro-em-pó que por um século
trouxe a rara riqueza e casos de desgraça
a casas de adobe que ficaram velhas
do outro lado da face oeste da Serra Dourada.
Perdidos entre os sem-volta dos caminhos
que um dia trouxeram da costa querosene, sal e escravos,
os ricos e pobres do lugar fugiram da vila
ou migraram com tropas de mulas e tralhas
para povoados do norte. Lugares mornos
onde rios mansos de águas lamacentas
ao contrário desses arroios cristalinos
têm um sujo bom de lama que a cada ano renova
o chão onde o arroz cacheia o ouro dos grãos.
Migraram para ermos cantos escondidos
onde se diz que “boi vira brabeza”:
grotas e vãos, buracos dos baixios de serra.
Com as sobras do ouro que possuíram
os coronéis do lugar compraram alqueires
de onde hoje os filhos e netos expulsam
os filhos dos filhos dos peões meeiros,
a descendência do camponês do passado
a que os mitos dos pais dos avós
disseram que depois do fim do tempo do ouro
reinou por ali por muitos anos, a idade do ouro.

Um tempo esquecido nas sagras dos velhos
quando todos plantavam por direitos de posse e uso
e mesmo os pobres do mundo lavravam sem tributos
as terras dos outros e de todos.
Um tempo antigo que a lembrança da roça
não quer esquecer. Um outro tempo, dizem
quando por anos depois de outros anos
sempre setembro esparramava aos ventos
por todos os cantos, por todas as casas,
o cheiro solidário de um fogo interminável
de queimadas entre alqueires de campos sem cercas.

objetos, pedaços

(Ibirité)

Por aqui a vida de Minas é nua e crua
sobre terrenos abertos na pele dos morros
um dia verdes dos sertões de dentro
e agora rasgados e polidos a fio de faca dos tratores
e depois aplainados à custa de força e geometria:
tabuleiros rasos e chãos de casas magras
sem telhados e com os tijolos sem reboco.
Por aqui uma vida pobre se entrega avara
e o casario que cobre o fio de terra roxa
são remendos de pedaços ruins e sobras.
Por aqui os jardins não existem ainda e nunca
e nem há praças velhas onde o coreto divide
o sábado entre os passarinhos e as retretas.
Aqui as crianças aprendem acatar nos rios da chuva
os restos do que sobrou em alguma casa acima.
Catam o que desce a corrente rua abaixo e fazem disso
os sonhos e os brinquedos das tardes e domingos:
latas de cerveja viram carrinhos coloridos
e caminhões foram um dia garrafas de plástico.
Pedaços de madeira, seixos de tijolos restos de lixo
constroem aqui pequenas cidades de mentira e magia.
Eis que os meninos das ruas empilham a pilhagem
recolhida dos restos da vida e das enchentes.
No barro macio da manhã constroem casas
onde uma vida mais real pudesse ser pensada.
Onde uma vida sem medos pudesse ser vivida
sem os medos da vida dos sonhos de um menino.

O coração do homem

Como aqui não há outeiros ou igrejas de outros tempos
E nem casas de pedras cobertas com a aura do mofo,
e como aqui, longe de Ouro Preto, não há mártires
e nem vultos de quem a história guarde o nome e uma frase,
e como aqui nem houve um santo que desse ao lugar uma capela
e uma romaria de maio aos devotos de estradas distantes,
como aqui nem há becos ou ruas de pedras antigas
e nem sequer o registro fácil das lendas
dos tempos de senhores e escravos fugidos,
e como nunca casa algum foi um dia transformada em museu,
Ah, viajantes! Deixai que nesse lugar ermo do mapa de Minas
as pessoas da rua, sem nome e sem gravata
e com o coração à espera da novela das oito
sejam tudo o que de grande para ver e festejar
entre esses campos verdes até abril todos os anos
e cobertos de sinais do trabalho de mãos na terra.

lugares vazios

Tenho como as outras mil uma estação de adobe, antiga
e os trens de Minas passam por ela e não param mais.
De noite eu os chamo à minha festa de noiva e acendo luzes
e espero quem venha. Pois não há nada aqui em nome de quem
às sete horas, depois do pôr-do-sol uma cidade
anseie o seu lento trem mineiro de cada dia.
Há vilas em Minas onde nas horas incertas
dos vãos sombrios e frios da madrugada
um trem vindo de longe, para ali por um momento
e sem pressa troca mineiros por mineiros.
Mas, por aqui eles passam e apenas passam
carregados de sono, de horários e minérios.
Passam tão depressa que nem os cães e nem os bêbados
levantam as cabeças para ver quem vem de longe.
E não há, saibam, coisa alguma mais triste
do que uma cidade semeada em chão mineiro
a quem é indiferente o trem e o seu passar.

ofício de plantar

Todos os outros ofícios dos milênios
mesclam a matéria da terra com partes mortas de seus frutos
e disso fabricam o testamento dos bens do homem:
o tijolo de barro, a roda de aço, a mesa de madeira.
Só o teu ofício mistura à terra a própria terra
e atira nela o grão vivo que morre e renasce
em multiplicações do próprio fruto.
Por isso os ofícios dos outros são artes de ciência,
alquimias aprendidas nos porões dos magos do norte
que transformam nos fornos e bigornas dos senhores da terra
os metais do mundo. Mas o teu é o único exercício humano
que recria da vida a própria vida molhada de janeiro.
E os senhores sabem que fazer a vida brotar do silêncio
do orvalho e do trabalho é terrível,
porque a vida persegue os poderes e as armas
e ameaça o passo dos guerreiros errantes.

Por isso fazes artes de profeta e és um sábio anunciador.
Por isso os grandes te vigiam de perto e te fazem servo
e te tomam por maldito, condenado a viver fora do castelo.
Por isso contra ti lançam exércitos e juízes de toga.
Por isso te temem pelas gerações e fazem de ti -
sagrado como um caminho de terra molhado entre duas pontes -
um exilado outra vez expulso da terra que trabalhas.

o sementeiro

A noite não demora na morada do escuro,
ela anseia o claro alvorecer da manhã.
Estava o sementeiro de auroras
sulcando a aragem da terra
com riscos de um fio invisível
que somente tecem e sabem tecer
as mãos hábeis dos rituais do amanhecer.
E alvorecia o dia de ele trabalhar a terra
na suave equação que de grão em grão movia
a misteriosa arquitetura do universo.
Ali, como se a história das coisas e dos homens
a cada dia nascesse de novo desse gesto ancestral,
pois todas as coisas são o que o homem planta
e cultura é o nome dado ao que ele colhe e canta
enquanto corta a braçada de cereais.

Estava o sementeiro do oitavo dia
dizendo um a um os seus nomes aos frutos que iam nascer.
E como quem dá o nome dá a vida,
pronunciava sussurros de um rito sagrado,
como um mago vestido do branco alvo da neblina.
Não como um lavrador de três alqueires.

algumas tarefas comuns

Amassar a massa irmã da terra
no oco do pilão da mão.

Quebrar à força a trama de aço
que existe num torrão de terra dura.

No céu do chão traçar o risco
fundo que há no rio azul do sulco.

Recolher da sacola do semeador
depois, aos punhados, a semente
e espalhar pelo rastro da canção da chuva
o milagre do grão e a cor de sua alvura.

O canto do trabalho

Antes do mutirão na antiga aldeia
de São José de Mossâmedes
os homens da terra chegaram com a madrugada
cantando com violas e violões o canto da “traição”
na porta da casa do lavrador, vizinho e compadre.
Depois da manhã, durante todo o tempo do trabalho coletivo
de limpa do campo atrasado para o plantio do grão de arroz
havia gritos de avisos e troças de uns para os outros.
E havia longos momentos cheios da luz dos cantares do eito,
quando parece que a voz de todos aumenta o poder do braço
sobre a enxada e a terra vermelha do cerrado
inventava ser mais macia quando os homens lavram
cantando no seu corpo.
No fim da tarde, quando o trabalho da limpa acabara
e o campo ficou pronto para o sono da semente,
os homens do adjutório voltaram de novo para “casa do dono”
com as cabaças de água vazias
e os instrumentos da roça nos ombros.
Voltavam juntos cantando canções do trabalho,
músicas de uma memória antiga que se canta só naquela hora.
Num gesto cheio de flores do campo e de rituais
os homens do trabalho devolveram o “dono do serviço”
à “dona da casa”, e beberam
nos mesmos copos a pinga do alambique.
Depois da janta de arroz-com-pequi e carne de leitoa
formaram na sala do rancho as duas filas da catira
e cantaram e dançaram noite adentro
batendo palmas e sapateando a alegria da hora.
Quem passasse apressado na estrada poderia dizer:
só o povo canta assim o seu trabalho,
só o povo canta durante o trabalho,
só o povo festeja o trabalho coletivo e canta depois dele.
Porque ele não perdeu ainda a força ancestral
de conviver com os fluidos da terra,
e só ele faz e refaz o rito sagrado de arrancar dela,
mais do que os frutos da terra,
a doce amêndoa do trabalho solidário.
E somente os ritos naturais do homem ao criar a vida
merecem cantos coletivos de louvor e de esperança:
antes, durante e depois.

o semeador meeiro

os cristais polidos
dos grãos de arroz
escondem a história
das trocas do semear
e as leis do esforço
de quem semeou.

Inventa mentiras
à mesa do jantar
essa massa branca
e branda na boca,
sobre o ardor do duro
fazer fundo o sulco
e plantar como servo
pelo chão o resto
do pouco que sobrou.

Diamante múltiplo,
muitas vezes único,
furta o arroz no saco
do papel de celofane
a memória da colheita
feita em “trato à meia”.

Joia fina á venda em feira,
objeto raro de relojoeiro
o grão polido e lapidado
do colar das contas do arroz
nada conta do que seja a sina
de semear o grão em terra alheia.

voltar do trabalho

Exilados da luz do dia - já é noite
e o vozerio das estrelas invadiu o céu do outono -
de novo juntos na margem esquerda da estrada
os camponeses de junho refazem o mapa de volta.
Ei-los. Carregam no vão macio dos ombros
o bastão da enxada que na ponta pendura a cabaça vazia
da água, pequena primavera no dia de trabalho.
Carregam o peso desse dia e por isso arquejam o corpo
mesmo quando não é mais preciso, porque o ofício de andar
descansa o dorso na curvatura a que obriga o de carpir.
Os mais ágeis livram os dedos
e com os artefatos dos primeiros caipiras
fazem pelo caminho a arquitetura sábia, mais que a álgebra
de um cigarro de fumo goiano e palha de milho.
Entre o cantochão dos sapos na beira dos brejos
e a orquestra de flautas de grilos e cigarras
esses homens não cantam e apenas abandonam aos pés
a música dos cantos de voltar. Viageiros do outono.

situações de plantar e colher

uma

o jeito goiano de colher com a mão
o que o mato dá sem mágoa
e o cerrado sem cobrar:
pequi, caju, mangaba, madeira, mel de abelha
dados de graça, catados com a mão cheia
dos repentis de amor da natureza
que não cabem no arrendo nem na meia
e não põem placa de “vende” na parede.

outra

a lei paulista de plantar com o arado
o que a roça dá com avareza
e o dono cobra à vista:
milho, feijão, arroz, soja e aguardente
“dados” em fero trato feito à meia
sob o dedo do poder do fazendeiro
que engorda às custas do trabalho alheio
em casa grande de fazenda e tulha cheia.

o ofício do fiar - em quatro lances de linha

um

o tecido que velhas mulheres fazem, fiandeiras de um saber arcaico cuja origem ninguém pergunta. A urdidura que torna em pano a polpa branca enovelada do algodão. A roca que as mulheres do sertão pronunciam ‘roda’ e se faz rodar sem descanso desde a madrugada sob o compasso binário do pé da anciã.

dois

não há arabesco mais ágil que o do desenho dos movimentos das pontas dos dedos da mulher fiandeira. E que outro ser de todos os continentes torna mais útil os jogos da manhã do que a fiandeira tecelã? Aqui é onde o ruído da roda a rodar enovela os fios vegetais da fibra que alguma manhã de maio colheu há um ano. Falo da arte e do amor.

Três

penso na estima que se devem ter esses corpos frágeis de louça viva. Mulheres a quem alguma doença do sertão sempre torna débil, e que se tocam com carícias de comadres sem apertos e beijos no rosto, quando antes do trabalho se encontram e se abraçam quase com medo do que fazem. Sinais de carinhos vestidos de silêncios. Falo da estima. Falo de uma qualidade de amor que entre si têm as pessoas da terra e certas espécies vegetais com que convivem por milênios de gerações.

quatro

que bailado é mais rude entre as danças de roça do que esse baile diurno: solo que a fiandeira faz com o só compasso dos tambores do tear e as flautas finas das lançadeiras do fio de algodão? Dança que ela própria toca no órgão de que o pé é maestro sobre os dois paus das pisadeiras. E move a tecelã o corpo com a precisão de uma tropa de soldados, enquanto os braços jogam de um lado para o outro, no mesmo compasso binário que rege todo o ofício, a embarcação da lançadeira. Barco que faz viajar sob o tecido em que a trama na dança faz o fio de linha fina de algodão.

Falo de ritos do amor e do trabalho nos sertões de Goiás.
três instrumentos de lavrar

o machado

nada há mais certo
do que o golpe
desse parceiro da morte.

o arado

de tanto escavar os veios da terra
e polir entre os seus ossos minerais
o seu aço, brilha sob o sol de março
a sua lâmina - vela de sulcar.
é seu o ofício de navegante de um mar
onde o barco faz o rumo e a onda,
marola que lhe afia o fio da proa
apontada sempre para o lado do campo
onde o porto da noite vai chegar.

a ceifadeira

a luz da estrela mais próxima
brilha no fio dessa arma cortadeira.
Na mão ágil do ceifador de arroz
a lâmina recurva corta e recorta
e no curvo do aço que lhe dá o ofício
arranca aos punhados, quando vai e volta,
o buquê dourado da flor do grão do arroz.

figuras na sombra do dia

Com o corpo por igual curvado
forçam o fio da enxada e escavam o chão.
Com a curvatura que dá ao corpo enfim
a figura de um arco tenso,
instrumento de carne e nervos adestrado ao trabalho
fazem cantar a música da matraca.
Ela atira punhados de grãos de milho
a distâncias regulares no sulco,
trilha que uma noite antes
o arado puxado por dois burros
riscou na folha do mapa da lavoura:
desenho que o lavrador faz de memória
de tanto traçar e apagar a mesma tela.
Com as duas mãos polidas de tanto fazer
o ofício de lavrar, cheias dos sulcos do arado na carne,
o lavrador prepara outro ano do sono da terra.
Embora haja ali sinais de um coito
nada há que na boca da noite
sinalize qualquer espanto de prazer.

sobre o amor solto nas ruas

A mulher catava latas de cerveja.
Um fio de sangue, um corpo na calçada,
um cego cantava sambas na porta do bar.
Eles se beijavam como se fosse março
e um velho aos farrapos parecia Cristo.
Dois meninos dormiam em papelões

um bêbado pensava que era deus
e de um outro deus falava um crente.
Vendia doces e dizia: "é doce!"
Andava com muletas e sorria.
A tudo a natureza inunda de aves calmas.
Vagarosas no vôo como os velhos.
Sábias no que calam como às vezes as crianças.

As mulheres do caminhão de turma

a.

Viver onde a vida é tão rapina.

b.

No corte bruto da cana queimada de antevéspera as mulheres-do-caminhão-de-turma se cobrem de tal modo de sapato de homem, chapéu, calça, camisa e saia grossa, que da pessoa visível da mulher trabalhadora fica de fora apenas a frágil força-de-trabalho. Em fila, na longa linha viva da pequena multidão de gente igual ali, sem nome e cara avançando como em uma guerra a golpes certos de facão canavial adentro.

c.

os pés calçam congas iguais de lona azul-marinho de tal sorte que o tênis barato, pensado um dia para o lazer, protege o pé e o passo mudo da mulher-volante. Algumas aproveitam meias usadas de 3/4 por dentro de onde enfiam a calça rota para que do chão do pé ao meio da cintura não sobre acaso um só pedaço do corpo do lado de fora da armadura de pano.

d.

Por cima da saia ou da calça as mulheres amarram nos quadris um tecido, um como avental de saco de algodão grosso convocado às pressas para proteger do corpo o lugar onde à noite algumas oferecem aos homens o que sobrou com vida do escuro derrubar da cana dia afora. Um chapéu de palha com as duas abas abaixadas ajuda a apertar o pano igual ao do avental. Ele recobre por detrás a nuca e cobre todo o rosto, menos os olhos que, livres, espiam sem espanto a rotina suja do trabalho a golpes de força de mulher sob o olhar atento do turmeiro.

e.

O território de corpo de mulher prisioneiro da roupagem não tem sobras de sonho, nem encantos e nem ternuras (nada há ali que sugira um editor de revista “de mulheres”). Quem senão um outro bóia-fria igualmente armado e áspero na vida e na cama desejaria amar essas guerreiras de mãos maciças e ancas endurecidas à custa do trabalho? A mulher-volante é toda ela uma força útil entre o olho e a mão, de todo o corpo, a parte que escapa da prisão da roupa e assiste à luta sem fim da pessoa com a planta: da mulher amarga contra a cana tenra e doce.

f.

Nem os guerrilheiros palestinos de capa-de-revista e nem os bandidos e zorros guardados na caixa menina da memória sabem segredos tão espertos de esconder o corpo e o rosto. Olhadas de longe, da estrada ligeira por onde passa o carro, as mulheres “de turma” podem lembrar de relance ao passante as odaliscas dos filmes safados de espada-e-harém. De perto se vê que não há sedas, e roupas de algodão grosso um dia branco e muitas vezes depois sujo e borrado da mistura do suor do corpo com a borra escura da cana é o que protege das facas do sol e do vento esses corpos magros que fedem à tarde na viagem de volta.

g.

Essa roupagem de guerra que sabe lições de guardar o corpo da foice afiada do fio das folhas do canavial, do perigo de um golpe de repente errado do facão de corte, ou mesmo dos gelos finos dos ventos de agosto na hora em que na madrugada a puta cansada foi dormir e a irmã “da turma”, trabalhar.

h.

Por que então nas tardes quentes das cinco horas do verão em Itapira as mulheres-do-caminhão-de-turma desembarcam de volta na cidade e não levantam um dedo da couraça maldita da farda de trabalho?

Por que de volta não se desvestem do avental e não arrancam panos de cobrir a cabeça, o corpo, o rosto? Porque todos os dias ao chegarem em turma ao Risca-Faca as moças usam as mesmas vestes de campanha para ocultarem de todos — do fio afiado do olhar do outro — os segredos dos rostos de quem são.

Porque todos os dias ao chegarem do campo à vila onde, não obstante, preferem ser mais a mulher do que a “bóia-fria” do “caminhão de turma” elas, moças como as outras dos “bairros de cima”, sentem no vão da pele o peso da vergonha de passear nas ruas com facões, sacolas-volante e marmitas e tira-colo e serem vistas com roupas de guerra e de vergonha nos seus rostos de mulher, de gente. De Maria.

i.

Por isso escondem o seu canto de nome, escondem os gestos guardados para usos ligeiros nas pontas de sábado-e-domingo. Esconderiam se possível o tempo e o endereço até quando, na casa de madeira tomam banho de bacia se revestem de roupa limpa, de um nome e do poder e serem outra vez as “moças da Vila Ilse: mulheres, gente, memórias, a vida das moças do lugar.

voltar do trabalho

Exilados da luz do dia — já é noite
E o vozerio das estrelas invadiu o céu do outono —
de novo juntos na margem esquerda da estrada
os camponeses de junho refazem o mapa da volta.
Ei-los. Carregam no vão macio dos ombros
o bastão da enxada que na ponta pendura a cabaça vazia
da água, pequena primavera no dia de trabalho.
Carregam o peso desse dia e por isso arquejam o corpo
mesmo quando não é mais preciso, porque o ofício de andar
descansa o dorso na curvatura a que obriga o de carpir.
Os mais ágeis livram os dedos
E com os artefatos dos primeiros caipiras
fazem pelo caminho a arquitetura difícil
de um cigarro de palha de milho.
Entre o cantochão dos sapos na beira dos brejos
e a orquestra de flautas de grilos e cigarras
esses homens não cantam e apenas abandonam aos pés
a música dos cantos de voltar. Viageiros do outono.

os brincos

A alegoria das coisas em que cremos
pende dos brincos por causa de quem
nossas mulheres e filhas furam as orelhas.
Por isso elas usam brincos a vida inteira
e por isso com o dinheiro da venda dos bens da terra
compramos brincos de ouro.
Para que eles pendam como bandeiras, pequenas flâmulas,
sinais dourados com pedras, rubis de brilho
na carne magra das mulheres do povoado.
Pela mesma razão penduramos também na parede
de adobe, pintada a cal aguada dos ranchos que fazemos
barreados de amor polido ao sol e que cobrimos com capim
seco, colhido em maio, quadros de feira coloridos.
Caros quadros comprados em domingos de romarias.
Ali colocamos o retrato de vivos e mortos:
os antepassados, seus filhos e os netos.
Da parede nossa gente nos olha, sagrada como santos e deuses
pendurados por igual entre os nomes da família.
Por isso colamos cenas das folhinhas de armazéns
que ali ficam por gerações de anos e anos,
figuras ao vento nessas terras onde bandeiras que há
são as que viajam em janeiro e viajam em maio
à frente dos tropéus de foliões de Reis e do Divino.
Tantos seres e cores quantos caibam nos quadros da memória.
Tantos quantos caibam pendurados em paredes e corpos:
medalhas, brincos, panos dos Três Reis, fotos de parentes,
virgens, santos, pretos de almanaque e senhores do céu.

Não somos como os ricos que comem à volta de mesas e ali colocam velas e grandes jarros com flores. Comemos em pratos de alumínio. Catamos com os dedos nas panelas de barro as porções do almoço e acorados à volta do fogão comemos na cozinha.

Flores que colhemos no campo à volta do trabalho, ou no jardim roceiro que mistura vegetais de cheiro com as ervas antigas de onde tiramos a saúde, colocamos em pequenos vasos de porcelana barata debaixo do retrato dos ancestrais.

A eles fazemos nossas rezas, preces de ramalhetes que as filhas colhem para os santos e os mortos, seres que os ritos da memória tornam iguais e imortais. Vivos e presentes, vestidos de lenços e roupas de festa, com os chapéus de domingo que tinham na cabeça e os olhos pregados na janela de tampos de madeira. Vivos, tanto quanto nós.

viver de catar

A mulher magra no meio da noite quente de Belém catava o lixo de lata e sacos de plástico. Catava restos de miolos e farelos de comida e com a tampa da palma da mão aberta empurrava pelo vão da boca as misturas da culinária que acabara de criar. Ela nada tinha da imagem da morte e ficaria espantada se alguém do Sul tivesse pena dela. “Estou viva!” diria. E era uma viva imagem da guerrilheira de uma batalha sem tropa ordeira na luta bruta por sobreviver. Uma densa imagem da fúria com que a vida se apossa desses desertos de corpos e os força a atravessar as milhas de um dia a mais.

meninos catam mangas a pedradas

Marabá

Setembro amadurece mangas em Marabá
mas a fome dos meninos vem de maio.
por isso tem pressa e se arma de pedra.
Desde seis horas da manhã eles acordam
o dia a pedradas — tiros de estilingue
que varam a copa das mangueiras
e se não topam com os muros de uma manga
poderiam varar folhagens do infinito
e derrubar a ponta doce de algodão da Estrela d'Alva.

A fome da seca fora de hora faz somas
com a fome diária da miséria rotineira,
por isso os meninos a quem ela assusta
esperam dezembro com as alegrinhas
de festinhas roceiras de Natal.
Então os viventes mirrados da beira dos rios
se banham nos vaus de antes das enchentes,
viajam nos mundos de entre um rio e outro,
catam bichos, mangas e mangabas,
os mil recursos das matas do Norte.
Mais adiante ajudam pais a colher na roça
braçadas de mãos de milho verde.
Por toda a parte há prenúncios do episódio
de quando o sol madura frutos e grãos
e a fome faz tréguas de Ano Novo
com os migrantes dos matos do sertão.

DE PUNHO ERGUIDO

a consciência de classe

Enquanto lavrava a golpes
de machado o poste de aroeira
o negro lenhador chamado Berto,
nascido no Faina, perto de Cavaló Queimado,
apontava com o dedo o dono
ao longe na serraria e dizia assim:
camisa dele quem dá é o meu trabalho.
Diz-se no Faina que o machado de Berto
é o mais afiado e certo do lugar.
E a fala do negro, também.

posseiros de São Félix do Araguaia cavam trincheiras na mata

As garças traçam mais lentos os voos sobre o rio
e as chuvas de dezembro anseiam renascer a terra.
Há flores que desde abril guardaram ocres e azuis
e a primavera espreita o toque de invadir de novo os campos.
Não obstante há silêncios no Norte e entre ranchos
viaja o sussurro de que é preciso resistir.
Aguçar a faca dos olhos à presença do inimigo
e cavar fundo trincheiras pelo chão da mata.
Cavar trincheiras nos fundos da noite
na mesma “quadra” onde em outros tempos
esses eram dias de arar no campo o vão da semente.

Porque diverso do Araguaia divertido
onde se vai pescar e beber pinga
existe um rio subterrâneo de guerrilhas
de uma luta posseira sem descansos.
Cavar trincheiras com mãos tão cheias de ternura
e com enxadas, armas feitas para o dia da colheita.
Cavar na mata buracos que escondam das balas do Sul
o corpo multiplicado do lavrador-posseiro,
migrante de muitas terras, sempre mais a Leste.
Agora não é um tempo de tardes mansas no sertão,
embora caiam no teto dos ranchos chuvas de dezembro
e pelos campos e quintais haja balaços de mangas e pequis.
Agora não é de novo um tempo de trabalho e festa:
plantar no chão da várzea grãos de milho e arroz,
fazer na capela do *patrimônio* a *feira da santa*,
pescar nos remansos do rio o pacu e a pirarara.

Esse não é um tempo de rezas mansas,
de ladainhas de santos e terços de rezadeiras e beatas.
Semente agora é o corpo do semeador — josés do mundo,
pequenos grãos de vida jogados no fundo das trincheiras
como o sinal que acende, dentro da terra, lutas do povo.
Gritos coletivos que avisem aos invasores
a força sem fim do desespero, porque o cemitério que há
na beira do rio em São Félix do Araguaia
não cabem mais corpos e cruzes dos mortos do sertão.
De pouco valem os sinais de paz da natureza no Araguaia,
porque finalmente este é um tempo de resistir,
e se o corpo magro de um povo um dia armado
é como uma festa de santo feita às avessas
nenhuma outra é tão santa como essa festa de fé na luta
do homem que resiste nas trincheiras que cavou
nas sombras dos sem-fins de Mato Grosso
de onde sabe, sabemos todos, saberemos,
sairá um dia o verdadeiro plantio do lavrador do Norte:
semeadura guerreira de esperança dos livres,
colheita posseira de terra e liberdade.

orações de posseiros

Resistir, irmão, lutar,
são outras maneiras
de existir, modos de amar,
razões de crer.

Há dias em que o fuzil
na mão do posseiro
é a ferramenta
mais útil do viver.

A faca que leva
o sertanejo dependurada
na cintura
e com que luta e sangra,
é como a cruz que crava
e onde reza,
e é sua reza e benzedura.

notícias de oeste

Chegam notícias da banda oeste do sul do Pará.
Pelas águas enormes por onde navegam as canoas
chegam notícias dos quadrantes do sertão:
os posseiros sem terra se armam
e cortam fios das cercas do arame farpado.
Gentes “sem eira nem beira”, lavradores,
frágeis homens de aço que ali foram com os avós
plantar roças de cereais,
escondidos nas matas da beira dos rios
resistem ao fio do cerco dos jagunços.
Resistem aos poderes da polícia que chega de avião
e prende um povo armado de enxada, foice, peixeiras
e espingardas de caça.
Contra o cerco dos arames e leis do poder das fazendas
que envolve o posseiro com redes de ferros estendidas
de que modo cortar os fios das tramas do mal?
A polícia invade com patrulhas de cruzados malditos
ranchos de palha de onde “em nome da lei” requisita
os artefatos da revolta que os patrões temem em São Paulo:
facões do mato, espingardas pica-pau, linhas e anzóis.
E dali expulsam com ordens de despejo dos juízes vendidos
um povo errante da “bandeira verde”, acostumada
à rotina de vagar sempre mais a oeste
em busca de uma terra sem ouro e diamantes,
mas de solo fértil e livre de jagunços.
Uma terra livre, enfim, uma “Terra Prometida”
onde a bandeira verde e o aço das enxadas
possam ser plantados para sempre
num largo verde de capim batido
onde as crianças corram e cresçam em paz.

Percival Moreira

(lavrador, compositor e violeiro)

ponteio na viola o pesar da terra
mas faz anos esqueci canções de amor.
fui moço e cantava modas e toadas
dos amores das moças do sertão.
mas a romaria dos homens desvalidos
expulsos dos povoados onde entrerravam
em dezembro sementes e em março os seus mortos
invadiu minhas rimas e o tom do meu cantar.

Tonho Ciço

(lavrador da estrada entre Caldas e Andradas, em Minas)

Não são muitos os maíos da vida
em que um vivente pode se assentar
na beira da noite e do silêncio
enquanto a toalha do rio espelha a lua
e navega um veleiro de meninos
entre matos de ingás e gameleiras.
não são muitos os minutos do homem
para enrolar no feixe dos dedos
um cigarro manso de palha de milho.
Deixai-me portanto, Bom Jesus dos Perdões,
ficar por aqui remoendo os meus mortos,
pelo menos enquanto a fumaça da brasa
ainda faz a meu lado nuvenzinhas de fumo
com que eu me agasalho. brumas de fumaça
que a noite engole.
nunca tão densas, nunca tão escuras
como os fumos que um homem com eu
fez subir dos fogos do coração.

Sinais que a morte faz

1. Wladimir Herzog, em São Paulo.

Por que a morte retoca
os traços do rosto do morto
e às vezes desenha
um certo ar de serenidade
na cara de quem um minuto
antes berrava com fúria
um grito de guerra e de horror?

2. Santo Dias, em São Paulo

Entre outros tantos
santos assassinados
Santo morto na rua
a tiro.
É rápida e sem ritos
a morte dos mártires
de hoje.

3. Possieiros dos sertões do Norte

Menos do que o grito
de um macaco, o tiro
da arma do jagunço
quebra o velório da mata
enquanto mata o posseiro.
Irmão. Irmão,
de quem a terra bebe o sangue?
Em nome de quem as flores
do sertão esperam
uma outra primavera?

4. Gringo, em Conceição do Araguaia

Ninguém imagina que Gringo
seja o nome de um lavrador
do Norte. Um militante da luta
dos posseiros armados de armas
e bandeiras no Sul do Pará.
Mas também ninguém espera
que um mestre de todos como ele
pudesse morrer um dia
em Araguaína, no sertão de Goiás,
onde as praias do rio são
sem fim e as areias claras,
com duas balas semeadas
nos sulcos das costas.
Morrer sem tempo de ver sequer
a cara dos jagunços, peões pagos
com a sobra dos ganhos do capital.

5. Tião, em Itapirapuã

Companheiro de luta
enxada e viola, Tião
morreu em setembro de manhã.
Militante que fora vida afora
não morreu de bala como o Gringo
um pouco antes,
um pouco mais ao Norte.
Lavrador goiano
morreu de “mal de Chagas”
bala que o *povo da roça*
carrega nos escuros do corpo.
Violeiro, faz tempo que perdera
a regra da força de cantar.
Manso lavrador de arroz e milho,
piedoso guerreiro goiano, usava óculos
e escrevia — coisa rara — a lápis
com letra boa, a trova das canções
que aprendemos a cantar “na caminhada”.
Lavrador, militante de viola em punho,
morreu cedo a morte de pobre,
um dia em setembro de manhã.